

## Marx saiu do purgatório?

por Mário Soares

No verão é habitual as editoras publicarem muitos livros esquecidos, biografias, literatura de viagens e as grandes revistas lançarem hors-série, com sentido retrospectivo mas de grande actualidade.

É o caso da revista Francesa "Le Point" que publicou um número dedicado a Karl Marx, sobre o que verdadeiramente escreveu, como o seu pensamento foi manipulado, bem como a sua história e herança. É um caderno com cento e vinte e tal páginas, escrito por autores entre os maiores economistas, politólogos, sociólogos e historiadores, polémico, de vários ângulos político-ideológicos, facilmente compreensível – o que nem sempre foi o caso de Marx, quer como economista, quer como filósofo, neo-hegeliano – com extremo rigor e clareza, que recomendo vivamente aos meus leitores.

Como é sabido, fui comunista na minha juventude, entre 1942-1949 e durante esses anos – e mesmo depois deles – considerei-me marxista. Mas nunca consegui ler o "Capital", de que, aliás, tenho duas edições, uma em português do Brasil e outra em francês, nem outros livros e ensaios mais filosóficos ou de teoria económica. Fiquei-me pelo "Manifesto Comunista", escrito em colaboração com Engels, por livros de história, como o "18 de Brumário de Luís Bonaparte" e, obviamente, pela cartilha marxista, que surgiu, em Portugal, no final da segunda grande guerra, quando era moda falar do marxismo-leninismo, de Marx, Engels, Lenine e Estaline e muito mais tarde de Mao-Tsé-Tung, que nunca me convenceu... Aliás, diga-se de passagem, os escritos de Estaline, então considerado o pai dos pobres, eram dos mais lineares e claros.

Marx, todos o sabemos, exerceu uma influência profunda no movimento operário e revolucionário do séc. XIX e XX, apesar de ter morrido em Março de 1883. Porque foi a referência fundamental de Lenine, embora longe de Marx pelo culto da violência e a exterminação dos inimigos, e de figuras mais humanistas, como: Karl Kautsky, Eduard Bernstein, Plekhanov, Trotsky e Antonio Gramsci. Para não falar de Mao-Tse-Tung, Ho-Chi-Minh e tantos outros.

Curiosamente, há vinte anos, com o fim do muro de Berlim, da Cortina de Ferro, e o colapso do colossal embuste, que foi a União Soviética, Karl Marx parece ter caído no purgatório, senão mesmo no inferno. Com o aparecimento em força do neo-liberalismo, a teoria do fim das ideologias, de menos Estado e os valores humanistas substituídos pelo dinheiro e a hegemonia dos mercados.

A crise de 2008-2009, em que nos encontramos, representou, contudo, o toque de finados do neo-liberalismo e parece ter retirado do purgatório Karl Marx, ele que não acreditava em Deus e que, na linha do filósofo e historiador alemão Feuerbach, acreditava que Deus era uma criação humana.

A verdade, porém, é que Marx parece estar – com a actual crise – a sair do purgatório. Vejam-se as biografias que se têm publicado de Marx, como a de Jacques Attali "Karl Marx ou l'Esprit du Monde", como as Universidades americanas e europeias voltaram ao seu estudo. E agora o caderno hors-série que tenho estado a comentar.

Porquê? Porque se o capitalismo não acabou – apenas o capitalismo financeiro-especulativo, sem valores éticos – o socialismo democrático também não: um "socialismo de rosto humano", como se pretendia antes da queda do Muro, com valores democráticos, humanistas e éticos, que Marx na sua obra nunca renegou, apesar de ter preconizado a "ditadura do proletariado" e a luta de classes, num sentido diferente ao que lhe deram depois...

Vau, 20 de Agosto de 2009